



Roteiro do Café

Um dos livros básicos da literatura cafeeira é o **ROTEIRO DO CAFÉ**, de Sergio Millet — Bipa — editora. Deixemos falar o arguto ensaísta:

«A passagem do café pelo Estado de São Paulo, com suas repercussões sobre a situação demográfica das zonas percorridas, constitui sem dúvida um dos estudos mais curiosos e importantes da história econômica paulista. Durante pouco mais de um século, o panorama do nosso crescimento e do nosso progresso se desdobra num cenário de colinas riscadas por cafezais. Tudo gira em torno do «ouro verde», dele tudo emana e a ele tudo se destina: homens, animais, máquinas.

A terra cansada que ele abandona se despovoava, empobrece, define; a terra virgem que ele deflora logo se empreña de vida ativa, enriquece, progride. O fenômeno é visível a olho nu. Não é necessário ser historiador, economista ou sociólogo para observá-lo. Um golpe de vista basta. E talvez por isso mesmo, pelo seu caráter familiar, não despertou o interesse dos nossos estudiosos».

E mais adiante:

«Taunay, abordando em longo estudo a história da introdução do café em São Paulo, hesita em localizar a primeira plantação. O assunto carece, na verdade, de importância. Por onde quer que penetram, assestou-se a cultura cafeeira inicialmente da chamada zona Norte. Isso parece pelo menos indiscutível. De resto, num livrinho curioso, embora de documentação pouco visível, Gustavo Koenigswald afirma que os primeiros municípios produtores foram os de Ubatuba, Bananal e São Luiz do Paraitinga».

A seguir observa:

«A de que o avanço se processou em obediência a duas determinantes principais: evitar a linha do trópico, abaixo da qual o clima não o favorecia e demandar as grandes florestas de terra virgem e milionária. O este é o ponto cardinal do agricultor, o horizonte para o qual ele se dirige e que recua sempre e sempre até perder-se no norte do Paraná, onde, desde alguns anos, se vêm instalando as primeiras fazendas ainda tributárias das estradas de ferro paulistas.

Atrás do café e por vezes à sua frente penetram as ferrovias. Com elas os colonos estrangeiros e o comércio semi-sedentário. Cidades erguem-se, crescem rápidas, sem tempo suficiente para tomar pé, sem raízes bastante fortes para resistir desde logo às vicissitudes da marcha vertiginosa e fatigante. De 1797 a 1836 anda-se ainda devagar. Acompanha-se o caminho do burro, a trilha; procura-se o núcleo já habitado, para as experiências. Mesmo assim, oito lustros bastam para abarrotar de cafeeiros todo o vale do Paraíba e parte das terras mais férteis das regiões próximas da capital, colonizadas pelo açúcar. 582.066 arrobas são colhidas nesse último ano, sendo mais de 4/5 na zona

norte e o restante na zona central. Passados 19 anos, o panorama novo nos apresenta aspectos de pleno dinamismo. 2.737.639 arrobas de café enriquecem a zona norte, cuja população aumentou concomitantemente de 40%. Ao mesmo tempo a produção da zona central triplica e se inicia o desbravamento da Mogiana e da Paulista, cujas produções respectivas se elevam então a 81.750 e 223.470 arrobas.

Nova geração ascende e temos adiante de nós um quadro inteiramente diverso. A prosperidade da zona norte se mantém. Mas a terra dá sinais de cansaço, e a produção decresce pouco. A população, porém, ainda beneficia das condições econômicas favoráveis e aumenta de mais 60%. Inúmeras cidades consolidam seu destino: Taubaté, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Mogi das Cruzes. A zona Central na mesma época alcança o máximo de sua produção — 3.008.350 arrobas.

E já a Mogiana e a Paulista se unem para com ela rivalizar num surto rápido de desenvolvimento. A Abolição, decretada em 1888, provoca o incremento da imigração, que já vinha sendo sabiamente incentivada, e os resultados da nova política repercutem na demografia paulista. A Araraquarense invade promete excelentes resultados e tímidos ensaios se tentam para as bandas da Alta Sorocabana. Os lucros da lavoura cafeeira levam ao abandono das outras fontes de riquezas, à fome dos cereais, ao encarecimento dos gêneros todos. Na zona central o próprio açúcar se despreza. De 538 mil arrobas, em 1854, a produção desce, em 86 a 218.504, nível em que se vai fixar

desde então. A legislação posterior, proibitiva, impedirá um novo surto a partir de 1930, como fora de esperar após a grande crise cafeeira de 1920. Teremos, porém, o milagre do algodão.

Morre o século XIX. A exportação de São Paulo passa a ocupar o primeiro lugar no rol das exportações nacionais. A província aos poucos substitui, na liderança do país, as regiões antes mais prósperas. Os estadistas baianos e fluminenses, que «dirigiram britanicamente o Império», caem com a proclamação da República para ceder lugar aos paulistas enriquecidos, donos da economia nacional. Vai soar a hora do fregues do café, do Norte-Americano, de quem copiaremos sofredamente até a própria indumentária política.

A produção, no entanto, cresce desampliada e ocorre nas primeiras crises. Desamparado a lavoura os governos estadual e federal e o «rush» contínuo. São do Sr. Armando de Sales Oliveira estas palavras esclarecedoras: «A expansão do meio circulante, consequente à política monetária de Ouro Preto e levada a extremo pelo primeiro governo republicano, estimulou no Rio de Janeiro um aumento artificial de negócios em que tudo, ou quase tudo, afinal se perdeu. Em São Paulo, ao contrário, a inflação imprimiu à cultura cafeeira o impulso extraordinário de que nasceu mais tarde, a par de uma grande riqueza permanente, a superprodução com que temos lutado e estamos lutando». As intervenções se sucedem com resultados felizes até 1921. O recenseamento do ano anterior mostra-nos, a par do desbravamento inicial do Noroeste e dos primeiros resultados colhidos na Alta Sorocabana (1.676.228 arrobas), o fantástico progresso da Araraquarense cuja produção passa de 420.000 arrobas em 1888 a 4.152.438. A população aumentou ai num parelismo impressionante, elevando-se de 43.358 a 579.683 h. Progridem também, embora num ritmo menos rápido, as zonas da Paulista e da Mogiana. Nesta última a produção atinge pouco menos de 8.000.000 arrobas e naquela pouco mais de 4 milhões. Infelizmente na zona norte o mesmo acontece. A produção recua assustadoramente. De 2 milhões de arrobas em 1855 passa a 767.069. Entretanto, a queda não repercutiu ainda no cresci-



Cafeeiro antigo, restaurado, com carga, na Fazenda «Tamboril», da Sra. Dna. Gertrudes Mascarenhas Junqueira, em Ituverava.